

Punição mais severa para danos ambientais

Pesquisa com 18 países do G20 constata que, para a maioria da população, governos e empresários que permitam ou encabeçam ações causadoras de deterioração da natureza e do clima têm de ser exemplarmente responsabilizados

Quase três em cada quatro moradores de 18 países integrantes do grupo econômico G20 acreditam que governos e líderes de grandes empresas deveriam ser punidos criminalmente por aprovar ou permitir ações causadoras de danos sérios à natureza e ao clima. A pesquisa, encomendada pela Earth4All e pela Global Commons Alliance (GCA), ouviu 1 mil pessoas de cada nação, incluindo o Brasil.

No total, 72% apoiam criminalizar os responsáveis por danos ao meio ambiente — no Brasil, o percentual foi maior, de 83%. Conduzida pela Ipsos UK, a pesquisa segue mudanças legislativas históricas recentes, incluindo o reconhecimento do ecocídio como crime federal na Bélgica, no início do ano. Projetos semelhantes foram propostos ao Congresso Nacional brasileiro e em países como Itália, México, Holanda, Peru e Escócia.

Os resultados revelam uma ansiedade profunda entre os cidadãos das maiores economias do mundo sobre o presente e o futuro do planeta. Entre os entrevistados, 59% estão muito ou extremamente preocupados com o estado da natureza hoje, um ligeiro aumento em relação à Pesquisa Global Commons de 2021. Além disso, 69% concordam que a Terra está se aproximando de pontos de inflexão relacionados ao clima e à natureza devido às atividades humanas.

Os países do G20 representam cerca de 85% do produto interno bruto (PIB) global, 78% das emissões de gases de efeito estufa, mais de 75% do comércio mundial e cerca de dois terços da população do planeta. "A maioria das pessoas quer proteger os bens comuns globais; 71% acreditam que o mundo precisa agir imediatamente. Nossa pesquisa demonstra que as pessoas nas maiores economias do mundo estão profundamente cientes da necessidade urgente de proteger nosso planeta para as gerações futuras", comentou Owen Gaffney, colíder da iniciativa Earth4All.

Categorias

A pesquisa categoriza os entrevistados em cinco "segmentos de administração planetária". A maioria (61%) foi identificada como "progressistas estáveis", "otimistas preocupados" e

Orlando K Júnior



Amazônia desmatada: 83% dos brasileiros pensam que governos e destruidores têm de ser criminalizados como na Bélgica, que instituiu o ecocídio



As pessoas nas maiores economias do mundo estão cientes da necessidade de proteger nosso planeta"

Owen Gaffney, colíder da iniciativa Earth4All



"administradores planetários" — grupos que defendem ações fortes para proteger o meio ambiente. Segundo os analistas do levantamento, isso marca um ponto de inflexão social, com mais gente, agora, exigindo ações para proteger o planeta do que aquelas que não o fazem.

Além do Brasil, foram ouvidas pessoas de Argentina, Austrália, Canadá,

China, França, Alemanha, Índia, Indonésia, Itália, Japão, México, Arábia Saudita, África do Sul, Coreia do Sul, Turquia, Reino Unido e Estados Unidos. A pesquisa também incluiu quatro países fora do G20: Áustria, Dinamarca, Quênia e Suécia.

"As pessoas em todos os lugares estão muito preocupadas com o estado do nosso planeta", observa Jane Madgwick, diretora executiva da GCA. "Isso exigirá uma liderança ousada e um esforço verdadeiramente global, conectando ações entre nações e de baixo para cima." Jojo Mehta, cofundador e CEO da Stop Ecocide International, nota que há mudanças políticas significativas em favor da legislação sobre

ecocídio. "Mais notavelmente, no início desse ano, a União Europeia incluiu infrações qualificadas em sua recém-revisada Diretiva sobre Crimes Ambientais que pode abranger conduta comparável ao ecocídio." Isso significa que os estados-membros da UE agora têm dois anos para transformar essas regras em leis nacionais.

Gênero

A pesquisa também revelou diferenças de gênero na preocupação ambiental. As mulheres tendem a exibir níveis mais altos de ansiedade com o estado da natureza hoje e para as gerações futuras. Sessenta e dois por cento delas estão extremamente ou muito preocupadas, em comparação com 56% dos homens. Além disso, 74% das entrevistadas acreditam que ações importantes para lidar com questões ambientais devem ser tomadas imediatamente na próxima década, em comparação com 68%.

Apenas 25% das mulheres acreditam que muitas alegações sobre riscos ambientais são exageradas, enquanto 33% dos homens têm essa visão. As entrevistadas também são significativamente menos propensas a acreditar que a tecnologia pode resolver problemas ambientais sem que os indivíduos tenham que fazer grandes mudanças no estilo de vida (35% em comparação com 44%).

Outra revelação da pesquisa foi a de que, em economias emergentes, como Índia (87%), China (79%), Indonésia (79%), Quênia (73%) e Turquia (69%), as pessoas se sentem mais vulneráveis às mudanças climáticas em comparação com habitantes da Europa e dos Estados Unidos. Aqueles que se percebem como altamente expostos a riscos ambientais e climáticos também mostram os maiores níveis de preocupação e urgência em relação à ação climática. Esse grupo tem maior probabilidade de vincular a saúde humana e planetária e a ver benefícios em abordar questões ambientais.

>> Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

Image by freepik



SEGUNDA-FEIRA, 2 RESTRICÕES A TELAS NA SUÉCIA

Na Suécia, é assunto de governo: crianças com menos de 2 anos de idade devem ser mantidas totalmente afastadas de qualquer tipo de telas. A orientação foi dada pela Agência de Saúde Pública, num alerta aos pais sobre os prejuízos para o desenvolvimento dos filhos. Entre 2 e 5 anos, os menores devem passar no máximo uma hora por dia em frente às telas; e entre uma e duas horas por dia quando têm entre 6 e 12 anos. Em relação aos adolescentes, entre os 13 e os 18 anos, a agência recomenda, em comunicado, que passem no máximo duas ou três horas por dia usando esses tipos de aparelhos. "Durante muito tempo, os smartphones e outras telas entraram em todos os aspectos da vida das nossas crianças", disse o ministro da Saúde Pública, Jakob Forssmed. Atualmente, os adolescentes entre os 13 e os 16 anos passam, em média, seis horas e meia por dia em frente a uma tela, fora as horas que passam na escola, disse o ministro. "Isso deixa pouco tempo para atividades em grupo, atividade física e sono adequado", acrescentou.

TERÇA-FEIRA, 3 RAIO DANIFICA ARCO DE CONSTANTINO

O Arco de Constantino, situado ao lado do Coliseu de Roma, foi danificado ao ser atingido por um raio durante uma tempestade. "Todos os fragmentos foram recuperados e colocados em segurança", afirmou uma porta-voz do parque arqueológico do Coliseu. O monumento (à direita na foto) foi erguido em homenagem a Constantino no ano 315 d.C., para celebrar a vitória do imperador na Batalha de Ponte Milvio. Desde segunda-feira, o local passava por obras de manutenção. Com 25 metros de altura, é o maior dos três arcos do triunfo conservados na capital italiana. Após um verão seco e quente, a cidade foi atingida por uma forte chuva. Em um único dia, foi registrado mais de 80 milímetros de água por metro quadrado no centro histórico, o equivalente à quantidade média de chuva em Roma durante um mês de outono.

FILIPPO MONTEFORTE



QUARTA-FEIRA, 4 A TERAPIA DA VIAGEM

Viajar pode ser a melhor defesa contra o envelhecimento prematuro, de acordo com um estudo realizado na Universidade Edith Cowan (ECU), na Austrália. Os pesquisadores sugerem que experiências positivas de viagem podem melhorar o bem-estar físico e mental das pessoas por meio da exposição a novos ambientes, engajamento em atividades físicas e interação social, e o fomento de emoções positivas. Esses benefícios potenciais foram reconhecidos por meio de práticas como turismo de bem-estar, turismo de saúde e turismo de yoga. "O envelhecimento, como um processo, é irreversível. Embora não possa ser interrompido, pode ser desacelerado", disse Fangli Hu, candidata a PhD na universidade. "Turismo não é apenas sobre lazer e recreação. Ele também pode contribuir para a saúde física e mental das pessoas", acrescentou.

QUINTA-FEIRA, 5 VULCÕES NA LUA

A Lua teve atividade vulcânica há 120 milhões de anos. Essa conclusão é de uma nova pesquisa liderada pela Academia Chinesa de Ciências, que estudou uma amostra lunar coletada pela missão Chang'e5, em 2020. A descoberta revelou que o vulcanismo durou mais tempo do que se pensava. Para o trabalho, a equipe classificou mais de três mil pequenas contas de vidro que estavam no material colhido na Lua. Os cientistas examinaram composição química, textura e outras características. Após a avaliação inicial, eles identificaram três contas como sendo de origem vulcânica e, por meio de datação radiométrica, viram que elas foram formadas há cerca de 123 milhões de anos.